

Arquitectura

Portugueses de Berlim à Mongólia

Tirando o caso de Álvaro Siza, foi só há cerca de uma década que os arquitectos portugueses começaram a construir no estrangeiro. Hoje são cada vez mais a fazê-lo, como mostra uma exposição em Berlim. Mas haverá uma “arquitectura portuguesa”?

Alexandra Prado Coelho, em Berlim

● Esta história podia começar nos anos 80 em Berlim, com um arquitecto que mais tarde viria a ser mundialmente conhecido, Álvaro Siza Vieira, a ser convidado para fazer casas para imigrantes turcos no meio de um clima político conturbado. E podia levar-nos à volta do mundo, até, por exemplo, ao deserto da Mongólia, com dois jovens arquitectos, os SAMI, a serem desafiados a construir, no meio do nada, uma casa de 1000 metros quadrados para um cliente que ainda não existe.

Entre a aventura de Siza em Berlim e a de Inês Vieira da Silva e Miguel Vieira (que formam os SAMI e têm 31 e 32 anos) na Mongólia está toda a história de como a arquitectura portuguesa conseguiu sair de Portugal e começou a afirmar-se em vários pontos do mundo. Foi isso que o arquitecto e crítico de arquitectura do PÚBLICO, Ricardo Carvalho, (a convite da Ordem dos Arquitectos e a partir de uma proposta da Presidência da República) quis mostrar a Cavaco Silva, à comitiva deste, e a muitos alemães, numa galeria de Berlim, na semana passada, durante a visita presidencial à Alemanha.

Em cima de uma plataforma azul alinham-se 21 projectos de arquitectos portugueses, construídos ou em vias de o ser, em diferentes pontos do mundo. “Se isto acontece de uma forma não concertada, imagine-se o que pode acontecer se houver uma estratégia de promoção da arquitectura portuguesa no estrangeiro”, não se cansa de repetir o comissário.

“Hoje, a par da literatura, a arquitectura é um dos maiores

embaixadores de Portugal no mundo”, reforça o presidente da Ordem dos Arquitectos, João Rodeia, que não esconde a satisfação com esta iniciativa da Presidência. “Deve ser projectada para o exterior, não só pela dimensão cultural mas também pela socio-económica, porque traz consigo técnicos, construção civil, indústrias. É um recurso estratégico para a afirmação de Portugal”.

Esta viagem pela arquitectura de Portugal fora de Portugal pode ter etapas mais cansativas, como a que leva à aldeia timorense de Quelical, a “seis longas horas” de Díli, e à igreja que Pedro Reis projectou para o sopé do monte sagrado de Matabien e que está a ser construída pela população local.

Ou pode ter percursos mais urbanos: Berlim (chancelaria e residência da Embaixada de Portugal, de Inês Lobo e Pedro Domingos); Brasília (residência da Embaixada de Portugal, de Ricardo Bak Gordon); Roma (conjunto habitacional de Romanina, do atelier Risco); Bélgica (sede do Governo da província do Brabant Flamengo, de Gonçalo Byrne); Budapeste (edifícios dos Promontório); Como (em Itália, dos ARX); Madrid (dos Aires Mateus); Barcelona (Souto de Moura).

Pode levar-nos a Angola, até ao aparthotel que o Atelier do Corvo está a construir em Luanda ou ao conjunto urbano dos Barbini Arquitectos numa praia em Cabo Lombo; ou a Cabo Verde, onde José Adrião está a projectar um edifício na Ilha da Boavista. Podemos visitar o Teatro Auditório que João Luís Carrilho da Graça já construiu em Poitiers, o edifício Maison de la Paix que projectou para Genebra; o Museu do Conto dos Aires Mateus



Teatro Auditório de Poitiers, em França, projecto do arquitecto João Luis Carrilho da Graça



Sede do Governo da Província do Brabant Flamengo, em Louvain, Bélgica, de Gonçalo Byrne



Conjunto habitacional Romanina, em Roma, Itália, projecto do atelier Risco

em Málaga, o teatro de Graça Dias e Egas José Vieira em Pilsen, na República Checa, ou a Fundação Iberé Camargo, a mais recente obra de Siza, no Brasil. Ou podemos ir a locais de silêncio como o pavilhão que Siza fez no meio do verde de Anyang, na Coreia, ou o crematório que Souto de Moura projectou para Antuérpia. Ou, claro, à Vila Ordos dos SAMI na Mongólia.

Mas serão estes projectos exemplos de uma arquitectura portuguesa ou apenas trabalhos de arquitectos que, por acaso, são portugueses? É melhor começar a olhar para o problema pelos olhos dos estrangeiros. Hans-Jürgen Commerell é, com Kristin Feireiss, um dos donos da galeria Aedes, instalada numa antiga fábrica de cerveja em Berlim, onde a exposição Portugal fora de Portugal vai ficar até 9 de Abril. Commerell confessa que, para além de Siza, conhece poucos nomes. "Souto de Moura, Aires Mateus...", enumera, hesitante.

"Sabemos que há em Portugal uma forte linguagem arquitectónica", diz, mas a verdade é que a única exposição que esta galeria especializada em arquitectura fez com um arquitecto português foi há 25 anos com... Álvaro Siza. Kristin, que a organizou, há-de recordar esse momento quando voltar a abraçar o arquitecto no dia seguinte, na inauguração da exposição. Foi preciso um quarto de século para se voltar a falar em arquitectura portuguesa na Aedes, mas desta vez a galeria está cheia de arquitectos que vieram de Portugal. São, todos eles, prova de que alguma coisa começou a mudar.

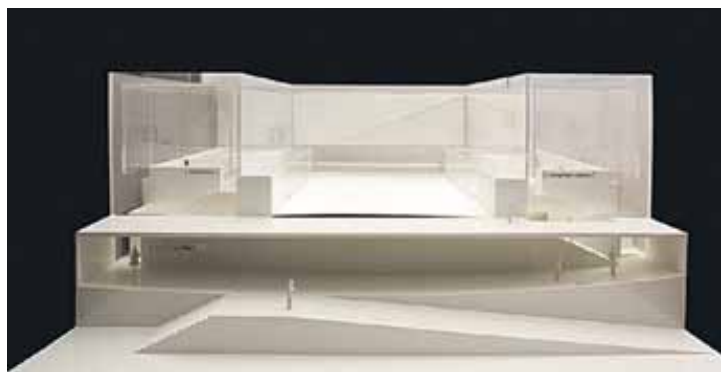
A relação com o sítio

Wilfred Wang, arquitecto berlinense e profundo conhecedor da arquitectura portuguesa há mais de vinte anos, vê "duas tendências muito claras de pensar a arquitectura em Portugal: os que colocam a construção e as técnicas artesanais na base da arquitectura, e aqueles para os quais o que interessa é o jogo da forma e do espaço, uma coisa muito mais abstracta". E depois há Siza, "um gerador de formas tão poderoso que quem o tenta copiar não compreende o que está em causa".

Christopher Burns será, tal como Wang, um caso especial. Este arquitecto, do atelier berlinense Abcarius+Burns, conheceu há uns anos Ricardo Carvalho e, através dele, a arquitectura portuguesa, pela qual se apaixonou de tal forma que já levou os seus alunos a Portugal para a verem também (porque esta é uma arquitectura "que tem que ser vista no sítio"). "Tem muito a ver com o contexto, com o local, a paisagem, e Siza tem isso mais do que todos os outros. A Casa de Chá [da Boa Nova, em Leça da Palmeira] é quase um filme, faz-nos deixar de ver o mar e quando a contornamos e subimos as escadas somos confrontados com o mar outra vez, e apercebemo-nos dele de maneira diferente. Siza relaciona-se de uma forma incrivelmente rica e maravilhosa com as coisas que estão no local".

Fascina-o que entre a geração de Fernando Távora e depois de Siza e os mais novos haja "uma continuidade, que é algo que não existe na Alemanha, onde há sempre esse desejo de romper com o passado, e onde tudo é muito mais competitivo". E encanta-o um lado artesanal que ainda sobrevive. "Siza ainda desenha as suas janelas. Aqui isso é muito difícil, tendemos a usar sempre produtos da indústria e a não desenhar soluções

Edifício da chancelaria e residência da Embaixada de Portugal em Berlim, projecto dos arquitectos Inês Lobo e Pedro Domingos, a aguardar o início da construção



Edifício multiusos projectado pelo arquitecto José Adrião para Sal Rei, Ilha da Boavista, Cabo Verde



Museu do Conto, em Málaga (Espanha), projecto do atelier dos irmãos Aires Mateus



Igreja projectada por Pedro Reis para a aldeia timorense de Quelicai, no sopé do monte sagrado de Matabien, para ser construída pela população e com materiais locais



Vila Ordos, uma habitação de luxo, com 1000 metros quadrados, projectada pelos SAMI Arquitectos para o deserto da Mongólia. O convite partiu do atelier suíço Herzog & de Meuron



específicas. É fantástico que isso ainda seja possível em Portugal".

A relação com o local, e as técnicas artesanais - são duas coisas que vão surgir em todas as conversas. "Quando falamos de uma identidade portuguesa, tem a ver com a atenção ao sítio onde se constrói", explica a investigadora, professora e crítica de arquitectura Ana Tostões. "Não há uma receita, um modelo, felizmente. Há é uma atitude, um modo de estar que liga às pré-existências. E quando estão a construir fora de Portugal, os arquitectos também têm que descobrir esses sinais do tempo e das coisas". No texto de apresentação da exposição, Ricardo Carvalho fala em "obras que parecem ainda estar interessadas em ouvir as pessoas e os lugares, sem perder com isso qualquer consistência disciplinar ou qualquer desejo de radicalidade".

Como se chega "lá fora"?

A ideia é confirmada pela arquitecta Inês Lobo: "Quando se chega a um sítio, a abordagem mais inteligente é perguntar: como é que se pode construir aqui? Não vamos para Angola fazer edifícios estranhíssimos, com sistemas muito sofisticados. Tem que se responder a um clima, a um território e ao que está disponível. Não é verdade que os materiais andem todos de um lado para o outro. Em Portugal basta ir para as ilhas para se perceber isso, há materiais que não é fácil transportar para lá. A inteligência do arquitecto português passa por dizer 'vamos lá construir aqui'. Se estão a construir uma arquitectura portuguesa? Talvez, mas tem a ver com uma coisa enraizada cá dentro, uma maneira de responder a uma situação".

"Não se diz que um artista nascido em Portugal é um criador de arte portuguesa", contrapõe João Luis Carrilho da Graça, que recebeu recentemente o Prémio Pessoa. Reconhece que "visto sobretudo de fora, há a impressão de que houve uma evolução muito a partir dos pressupostos do movimento moderno". Ao mesmo tempo há "uma tónica de atenção à sociedade e um sentido de inovação baseado em certas tradições, que é muito interessante".

Tanto Inês Lobo como Carrilho da Graça chegaram "fora de Portugal" através de concursos - uma possibilidade que começou a surgir com a adesão do país à CEE. Outra porta de saída são as operações imobiliárias portuguesas no estrangeiro. Mas, segundo Inês Lobo, encomendas directas vindas de fora ainda são raras. Daí a história dos SAMI ser tão extraordinária: um dia receberam um email do atelier suíço Herzog & de Meuron, com o qual nunca tinham contactado, perguntando-lhes se estariam disponíveis para participar num projecto em que 100 jovens arquitectos de todo o mundo construiriam 100 habitações de luxo na Mongólia. Não sabem quem as vai habitar, não lhes foi dado nenhum programa. E a relação com o território (esse "traço português") é difícil porque é um deserto que em breve deixará de o ser.

Se, há 30 anos, Siza enfrentou as exigências de um programa rigoroso em Berlim, hoje eles enfrentam o desafio da liberdade total - que, para um arquitecto, pode ser tão ou mais assustador. Mas muita coisa mudou entre um momento e outro. E, entretanto, a arquitectura portuguesa já deu a volta ao mundo.